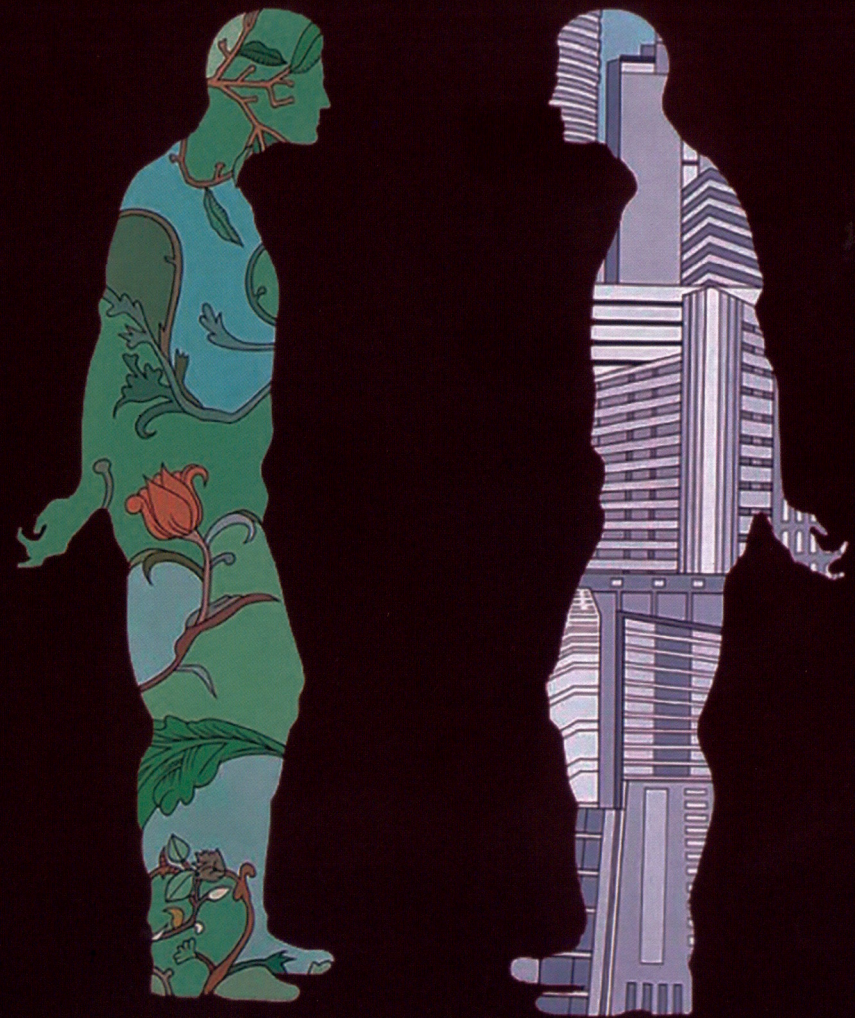


REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2019

Nº 61 - OUT-DEZ



- ◆ ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS: 100 ANOS
- ◆ SAUDADES DE EIDER FURTADO

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Fernando Gurgel

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.61
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 61, out./dez.2019.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SÉRGIO SAMPAIO EM NATAL: TEM QUE ACONTECER

*Marcel Lúcio Matias Ribeiro &
Sandoval Villaverde Monteiro*

No Brasil, a produção artística nos anos 60 e 70 do século passado foi relevante nas mais diversas linguagens. Na música popular, ocorreu uma espécie de “milagre da MPB”, pois foi o momento no qual surgiram músicos e compositores marcantes para as gerações seguintes. O contexto histórico nacional e internacional dos 60 e 70 impactou a criação desses artistas. Internamente, havia o cenário de ditadura militar; externamente, os movimentos contraculturais mostravam a sua força.

Na arte, uma das iniciativas importantes do período foi o tropicalismo, encabeçado por nomes como Caetano Veloso e Gilberto Gil. Esse movimento fez uma síntese, através das letras e da sonoridade, do contexto que explodia no mundo e no país. O tropicalismo é considerado uma “estética solar”, porque os músicos acreditavam que mudariam o cenário político e os costumes da sociedade. Porém, ainda nos anos 60, o Ato Institucional nº 5 mostrou que a transformação não ocorreria com tanta facilidade. O sonho acabou. Surgiu então uma nova vertente de produção na MPB, classificada pelos estudiosos como pós-tropicalismo, movimento noturno, de decepção e revisão das ideias que nortearam os tropicalistas. Foi nesse momento que o país conheceu “o bloco na rua” do artista Sérgio Sampaio.

Apesar da visibilidade alcançada nos anos 70, Sampaio, por vários motivos, teve uma carreira errante. Nos anos 80 e 90, viveu em um certo ostracismo, mas isso não o impediu de circular com shows e apresentações em diversas cidades do território nacional.

No início dos anos 90, visitou por duas vezes a cidade do Natal/RN e deixou uma legião de admiradores, além de influenciar a produção artística da cidade até os dias atuais. Assim, os objetivos deste texto são: discorrer sobre a obra de Sampaio e apresentar os resultados iniciais de estudo sobre a passagem do artista em terras potiguares no início dos anos 90.

Sérgio Moraes Sampaio nasceu no dia 13 de abril de 1947, em Cachoeiro de Itapemirim (ES), sendo o primeiro filho de Raul Gonçalves Sampaio, maestro da banda da cidade, e de Maria de Lourdes Moraes, professora primária. De acordo com o biógrafo Rodrigo Moreira, Sérgio Sampaio teve uma infância humilde, marcada também por conflitos com o pai, devido a sua postura severa e autoritária. Essa criação conservadora e por vezes violenta estaria na origem de sua aversão a todo e qualquer autoritarismo, coerção ou disciplina imposta, característica que se manifestaria com vigor em toda a vida adulta do cantor, ao qual é comum serem atribuídas características de explosivo, temperamental e não-adaptado.

Sampaio começou a atuar como locutor de rádio ainda na adolescência, passando por várias emissoras de Cachoeiro de Itapemirim. Em 1967, o jovem capixaba decidiu ir morar no Rio de Janeiro, num momento de plena efervescência na arte e na política, numa época de endurecimento do regime ditatorial então instalado. No Rio, Sampaio trabalhou em algumas emissoras de rádio, mas sempre ligado à noite, à música e à boemia, inclusive passando por grandes dificuldades financeiras naquele período, chegando mesmo a viver nas ruas da cidade maravilhosa.

Foi somente em 1971 que, ao ter contato com Raul Seixas - ainda conhecido por Rauzito, Sampaio deu início a um envolvimento profissional com a música. Raul, que àquela época trabalhava na gravadora CBS, conheceu Sampaio e suas músicas num encontro mais ou menos casual, nascendo ali uma amizade e uma parceria musical bastante importante no início de carreira do compositor



capixaba. Registra-se que ainda em 1971, a partir dessa parceria profissional, Sampaio gravou o compacto *Côco verde*, que trazia a composição homônima e “Ana Juan”. O ápice dessa nova parceria musical toma expressão com a gravação do LP *Sociedade da Grã Ordem Kavernista apresenta: sessão das dez*, ainda no ano de 1971.

De acordo com o estudioso Rafael Malvar Ribas, o projeto da Grã Ordem Kavernista foi liderado por Raul, mas foi todo gravado em parceria com Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star, artistas de estilos diferentes que se uniram e se revezavam em canções nada convencionais para a época. Embora os autores do LP afirmassem que suas músicas não queriam dizer nada, Ribas observa que, numa análise mais aprofundada, é possível vislumbrar no conjunto da obra analogias críticas ao sistema, a começar pela capa do disco na qual todos estão fantasiados. Além disso, numa época de retorno de valores conservadores por parte do governo (qualquer semelhança com o momento atual não terá sido mera coincidência), a presença no grupo de dois homossexuais assumidos (Miriam Batucada e Edy Star) também merece registro em termos de contestação.

Outro momento importante do início da carreira de Sampaio, foi a sua participação no VII Festival Internacional da Canção (FIC), com a música “Eu quero botar meu bloco na rua”, grande sucesso que o tornaria mais ou menos conhecido do grande público. Mas, de acordo com Ribas: “Seu estilo boêmio e seu desinteresse pelo marketing pessoal acabou o levando para o rol dos músicos intitulados “Malditos”, ao lado de Jard’s Macalé, Luiz Melodia, Walter Franco, Jorge Mautner ou até mesmo Tom Zé já numa época obscura pós tropicalista [...] Porém o termo Maldito, que acabou sendo incorporado por boa parte da mídia e do público é controverso, pois há artistas desta lista que discordam em gênero e grau desta nomenclatura, como Macalé”.

O pesquisador Ulisses Monteiro Coli Diogo, discutindo a utilização da expressão “malditos na MPB”, aponta como nomes principais dessa vertente: Jard’s Macalé, Luis Melodia, Sérgio Sam-

paio, Jorge Mautner, Walter Franco, Raul Seixas, Tim Maia, Miriam Batucada, Tom Zé, Angela Rô Rô, dentre outros. Para o autor, dentre as principais características desses personagens denominados “malditos”, é possível destacar: “relação instável com o mercado apesar de possuírem recepção positiva de um público específico e difícil de mensurar, comportamento transgressor, proximidade com a contracultura, postura muitas vezes anticomercial, utilização de recursos musicais não muito comuns, fusão de elementos estéticos e temáticos não usuais, não alinhamento a uma temática política polarizada entre esquerda ou direita, letras de canções fortes, ácidas e sarcásticas”.

Como observa Moreira, a palavra “maldito” passou a ser um lugar-comum num dado momento da década de 70, sendo usada para se referir a todo artista com aura de contestador e louco, fora dos padrões, que apresentasse um trabalho “difícil”, hermético ou de pouca assimilação comercial. Sampaio, embora também tido como um grande “maldito”, era, na opinião do autor, um dos que apresentava um trabalho mais acessível, não tanto marcado por rasgos de experimentalismo, apesar de sempre vanguardista e contestador. Teria levado o rótulo de “maldito” muito provavelmente por questões mercadológicas, por seu passado “Kavernista”, pela fama de turrão e indolente, além de suas letras cáusticas.

Outra expressão em voga na época era “desbunde”. Conforme ressalta Sheyla Castro Diniz, a circulação dessa gíria se mostrava intimamente relacionada aos interesses e projetos antagônicos, os quais foram acirrados pela edição do AI-5. Tinha-se, de um lado, os movimentos guerrilheiros ligados à luta armada, que, apesar de duramente perseguidos, mantinham seu posicionamento de combate frontal à ditadura, e, de outro, “o surgimento de um *ethos* contracultural descrente em relação à luta revolucionária, mas não necessariamente acrítico ou despolitizado”. Eram os chamados “desbundados”. De acordo com Diniz, a gíria “desbunde” teria recaído também sobre músicos como Macalé, Mautner e Sampaio, entre outros artistas que apresentavam obras ou posturas menos vincu-



ladas a uma ideia menos objetiva que subjetiva de revolução, enfatizando mais a busca por liberdade estético-musical, existencial e sexual e/ou política.

Mas, voltemos à trajetória de sua obra, a partir do seu sucesso com o bloco na rua. Conforme assinala Fabrício Nunes Mendes Brito, o sucesso dessa canção rende um contrato com a gravadora Phillips, possibilitando que em 1973 Sampaio gravasse seu primeiro LP, também intitulado *Eu quero é botar meu bloco na rua*, reunindo samba, rock, jazz e valsa pop. A expectativa do público era por novos grandes sucessos como “ô bloco”, porém o “inesperado” trabalho de Sampaio, já trazendo certa carga confessional por meio de sentimentos e trajetória de vida, não atendeu a tais expectativas, representando um fracasso nas vendas, inclusive pela dificuldade de o cantor de lidar com todo o processo de divulgação do disco após sua gravação, etapa essencial na ótica da indústria fonográfica.

Sérgio Sampaio voltou às gravações no ano de 1976, pela Continental, com o lançamento do seu segundo LP, *Tem que acontecer*, trabalho bem assimilado pela crítica especializada. No entanto, como afirma Brito, o músico capixaba novamente se absteve de atuar na divulgação do seu novo disco, o que resultou no baixo índice de vendas e sua pouca execução nas rádios. Após romper com a Continental e vivenciar a abertura política no final dos anos 70 e o auge da MPB, Sampaio, marginalizado, vivia de direitos autorais e pequenos shows. É somente em 1982 que Sampaio retornou a gravar de forma independente com o disco *Sinceramente*, no qual demonstrava sua maturidade em relação aos elementos já conhecidos em suas produções anteriores, mas aprofundando ainda mais o caráter confessional já identificado em sua obra.

Em plena decadência financeira e levando uma vida bastante difícil, Sampaio foi convidado em 1990 pelo músico Xangai, de quem era amigo, para dividir com ele alguns shows na Bahia, segundo relata Moreira. Sampaio tentou retomar sua vida e sua carreira em terras baianas, realizando vários shows no ano de 1991, o que

resultou em convites para shows em outros estados, inclusive em Natal (RN), no mês de novembro daquele ano. Em 1992, Sampaio realizou novo show em Natal e passou aproximadamente um mês na cidade. Sampaio faleceu poucos anos depois de suas duas passagens pela capital potiguar, na madrugada do dia 15 de maio de 1994.

Antes de vir nos anos 90 ao Rio Grande do Norte, Sérgio Sampaio já causava, por meio de sua obra, surpresa e admiração aos artistas potiguares. Assim, apesar dos altos e baixos de sua carreira, em 1991, quando desembarcou em Natal, os jornais da época noticiaram com euforia a chegada de Sampaio à cidade, conforme se pode ver a seguir no recorte de matérias publicadas pelos dois principais veículos impressos da cidade naquele momento. O jornal Diário de Natal, no dia 03 de novembro de 1991, noticiou da seguinte forma: “É grande a expectativa junto a artistas e jovens intelectuais da cidade, parte de uma elite cultural que há muito cultua o trabalho de Sérgio Sampaio. Talvez fosse mais apropriado falar em rapaziada, como era chamada a plateia do artista nos anos 70. Mas, de lá para cá, já se passaram, no mínimo, 15 anos. Muitos dos que curtiam Sérgio naquela época já são quarentões ou até cinqüentões, embora uma boa parte esteja na faixa de 30 a 35 anos. (...) Enfim, Sérgio Sampaio virá à Natal. Antes tarde do que nunca”.

A Tribuna do Norte, por sua vez, assinalou: “O show *Tem que Acontecer*, do músico Sérgio Sampaio, acontece nesta sexta-feira no Bar Casablanca, em Ponta Negra (...) Uma noite para quem entende de verdade de música popular brasileira (...) É dia dos deuses Narciso e Dionísio. Dia de cantar e bailar ao som das cordas de Sérgio Sampaio (...) E o Casablanca, que virou território de dondocas apaixonadas por torpedos de mel, vai ter que abrir passagem para esse bloco do futuro”.

Essa euforia dos jornais sinalizava a importância que o compositor recebia em terras potiguares e também a influência que o músico já exercia sobre uma geração de artistas que se “educou” culturalmente com a sua produção dos anos 70.

Dentre os artistas potiguares “educados” no “currículo” dos setenta, podemos citar o poeta Antonio Ronaldo, que possui obra representativa no cenário da poesia potiguar contemporânea. Sua produção literária é relacionada à estética da poesia marginal. Em seus textos, estabelece um constante diálogo entre a MPB e a literatura. A influência de Sampaio na obra de Ronaldo é explícita. O poeta relata que conheceu as canções de Sampaio por meio do projeto “Sociedade da Grã-Ordem Kavernista”. Diz que, no início dos anos 70, ficou encantado com a música “Todo mundo está feliz aqui na terra” ao ouvi-la tocar numa rádio do interior do estado. Depois veio o sucesso do “Bloco na rua” e das canções do primeiro álbum de Sampaio que se difundiram por todo o Rio Grande do Norte.

Antonio Ronaldo relata que quando Sampaio veio a Natal nos anos 90 a carreira do músico estava estagnada. Há algum tempo sem gravadora, o último disco lançado tinha sido, o *Sinceramente*. Segundo Ronaldo: “Uma carreira sem nenhuma perspectiva àquela altura, justamente no momento em que a indústria fonográfica começava a ser desmontada. Fora do mercado e no ostracismo, paradoxalmente Sérgio estava cada vez mais criativo e qualificado em suas composições”. Em Natal, Sampaio chegou a gravar uma fita demo contendo sete músicas até então inéditas: “Destino trabalhador”, “Quero encontrar um amor”, “Uma quase mulher”, “Chuva fina”, “A rosa púrpura de cubatão”, “Pavio do destino” e “Adiante”. Ronaldo acredita que: “Dessas canções todas foram gravadas e lançadas postumamente. Exceto ‘Adiante’, se não estou enganado ou desconhecendo fatos”.

A primeira apresentação de Sampaio em Natal ocorreu no dia 29 de novembro de 1991, na boate Casablanca. No ano seguinte, no mês de setembro, Sampaio voltou a Natal, dessa vez para um evento de campanha a prefeito de Natal do candidato Henrique Alves. Sampaio realizou um show no Mario’s Bar, no CCAB-Sul. A primeira passagem de Sampaio por Natal foi mais curta, já a segunda, em 1992, durou cerca de um mês.

Somando-se à repercussão e alcance de sua obra, podemos afirmar que as duas passagens de Sampaio por Natal deixaram uma espécie de legado na cultura potiguar: desde poetas que dialogam com a obra do artista até a músicos que são influenciados e interpretam ainda hoje as canções do compositor capixaba.

De acordo com Antonio Ronaldo, Sampaio despertava seu interesse por vários motivos, como por exemplo, pelas referências literárias presentes nas canções e pela relação entre poesia e indústria cultural, demarcada na obra de Sampaio por meio de sua veia tropicalista / pós-tropicalista.

No campo da música potiguar, assinalamos a influência sobre o músico Yrahn Barreto, fã declarado de Sampaio e que realiza há quase dez anos show em homenagem a Sampaio na data de aniversário do artista. Yrahn Barreto já lançou três discos e, nas suas composições, sente-se bem a presença de Sampaio: tanto na opção pelas canções na primeira pessoa verbal, predominantes em seu repertório autoral, quanto pelas citações diretas à obra de Sampaio, como na letra da canção “Ternura”, gravada no seu disco mais recente, na qual se diz: “Sampaio dizendo no ouvido: cruel é isso tudo, destino também”.

Desse modo, constatamos que, além da qualidade da obra de Sampaio, a interação que o artista realizou na sua estada na cidade do Natal com artistas, produtores e público contribuiu para a permanência de suas canções no imaginário local.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Sérgio da Fonseca. Sérgio Sampaio: um contraponto extemporâneo. In DAVI, Maria Amélia; LOPES, Orlando; NEVES, Reinaldo dos Santos (orgs.) *Bravos companheiros e fantasmas V: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: EDUFES, 2014.

BARRETO, Yrahn. Ternura [2018]. Disponível em: <https://www>.

youtube.com/watch?v=lzeZq1RMJys. Acesso em 09 de abril de 2019.

BRITO, Fabrício Nunes Mendes. O Poeta do riso e da dor: a relação entre música e história na obra de Sérgio Sampaio (1970-1980). *Vozes, Pretérito & Devir* - Revista de História da UESPI, Teresina, v. 4, n. 1, p. 126-141, julho de 2015.

DINIZ, Sheyla Castro. Desbundados e Marginais: A MPB “Pós-Tropicalista” no Contexto dos Anos de Chumbo. *Anais do X Congresso Internacional da Brazilian Studies Association*. Londres, Ago, 2014.

DIOGO, Ulisses Monteiro Coli. “É impossível levar um barco sem temporais”: os malditos da MPB e a crítica musical em fins da década de 1960 e década de 1970. *Anais do V Congresso Internacional de História*, Jataí (GO), Set. 2016.

MOREIRA, Rodrigo. *Eu quero é botar meu bloco na rua - a biografia de Sérgio Sampaio*. 3. ed., Niterói: Muiraquitã, 2017.

RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. “O arco e a lira: entrevista com o poeta Antonio Ronaldo sobre o encontro com Sérgio Sampaio em Natal”. Disponível em: <http://substantivoplural.com.br/o-arco-e-lira-2/>. Acesso em 31 de março de 2019.

MARCEL LÚCIO MATIAS RIBEIRO é escritor, pesquisador e Professor do IFRN – Campus Natal Cidade Alta. E-mail: marcel.matias@ifrn.edu.br.

SANDOVAL VILLAVERDE MONTEIRO é escritor, pesquisador e Professor do IFRN – Campus Natal Cidade Alta. E-mail: sandoval.villa@ifrn.edu.br.